

# Falá e escrevê errado é serto?

## Adequado e inadequado

Ercília Macedo-Eckel

*O orgulho nacional começa pela língua.*  
(urfabio e os fragmentos... 30 maio 2005,  
sobre Catalunha)

Que conversa é essa? Deicha de preconceito social e linguístico. As variante da língua padrão será aceito nos concurso público, nas universidade, no congresso, nos texto científico, nas repartição, nas empresa, nas igreja. Por uma vida mió é só vivê e aprendê: trocá os conceito “serto” e “errado” por “adequado” e “inadequado”, “plusbom” e “imbom”. Pra que segui as norma curta dos altô de literatura? Regra de concordância, regência, colocação dos pronome, hortografia, e a tal da coerência já era. Cum nois num tem pobrema, nois se comunica em quarqué lugá, por que nois é nois. Na fita!

Na verdade, a mídia e os livro didático precisa se adapitá pra mode falá a língua do povo. Meio que tamém apoiá as escola e os responssave \_ assim cada vez mais ouzado \_ nos caminho da Inducação brasileira. Tà intendeno? Eu seio que nossa Inducação tà meia confusa, com menas verba. Fala-mos e escreve-mos errado, imbom, porquê nois é marginalisado da curtura. Nois é umilhado de mais nos inzame do È-Nem! É muita inzibição e discriminação em riba de nois. Eles, os curto, diz que agente tà insurtano os ovido deles. Ocê concorda com migo? Com nois?

\* \* \*

O texto acima não foi um erro ou engano de meu juízo sobre a verdade gramatical. Foi um afastamento voluntário das normas linguísticas estabelecidas em português. Minha vontade de infringir a gramática foi maior que meu conhecimento dessa língua. Assim, não houve adequação, verdade ou correspondência entre meu intelecto e a coisa ou texto produzido. Não é o que ocorre com muitos estudantes e cidadãos brasileiros, pois eles desconhecem as regras essenciais de nossa gramática.

Não é esnobismo, nem discriminação social de classe superior. Faz-se necessária a correção e não aceitação dos erros cometidos em todo ato de comunicação praticado por qualquer falante ou escrevente. Pois a língua é um instrumento usado pelo homem. E, como tal, pode ser usado correta ou incorretamente (Angel Rosenblant, *O critério da correção linguística*, 1976, p.142). Mas não precisamos cometer exageros, como na peça *Les femmes savantes* ( As mulheres eruditas, sabichonas, 1672), de Molière, na qual a patroa despedira a criada pelo crime de haver ela contrariado os fundamentos da gramática francesa, de Vaugelas, no século XVII.

Mas a verdade é que, se eu atropelo a língua, torno-me incapaz de situar-me bem no mundo; de agir sobre ele para transformá-lo. Vem-me à lembrança, agora, Graciliano Ramos através da personagem Fabiano, protagonista de *Vidas secas* (1938). O vocabulário pobre e escasso do retirante fazia-o procurar palavras, gaguejar ou grunhir, como um bicho. Limitava-lhe a tomada de consciência e a capacidade de perceber a exploração a que fora submetido. Qualquer governo totalitário sabe o que fazer para esmagar a oposição. Basta restringir-lhe o vocabulário, a palavra, o direito de expressar-se livre e adequadamente. Outro exemplo é o do escritor inglês George Orwell, na obra *1984*, de 1948, publicada em 1949, onde cria a “Novilíngua” (Newspeak) \_ a língua oficial \_ para reduzir a fala, a capacidade de pensar e de agir do megabloco da Oceania. Observa-se ali que as palavras diminuem na proporção que o autoritarismo aumenta. E os cidadãos se tornam mais vulneráveis às vontades do Partido. Devem duplipensar, aceitar ideias contraditórias. Ou tornar-se uma impessoa, vaporizar-se. Tem mais: nessa ânsia de controlar a realidade, o negro será “negrobranco” ou branco; o analfabeto será pessoa com educação alternativa. Eufemismos do politicamente correto.

Já o poder de persuasão em *O coronel e o lobisomem*, de José Cândido de Carvalho (18. ed. s.d. p. 181) está no tipo da linguagem, ajustado para impor respeito, na segunda pessoa do plural (sois-isso, sois-aquilo) e, assim, valorizar seus argumentos. Diante da ”vadiagem das trevas” ou do lobisomem, o coronel se mostrou “dentro dos conformes aprendidos em colégio de frade”, um homem instruído e não um “coronelão do mato”.

Pois, se eu falo e escrevo corretamente, eu sou. Ser inteligente, agente cultural e social de minha região, de minha cidade, e até de meu país. No entanto, se minhas palavras se tornam deficientes e enfraquecem minha capacidade de expressão, eu própria me enfraqueço e me desumanizo. Restrinjo-me como pessoa, fico mais próxima dos animais. Paro no presente, no imediato. Transformo-me em objeto. Um algo ou um nada. Sem privilégio.

No final do século XIX, com o agravamento do “bilinguismo” (língua erudita/ língua popular) foram criados no Brasil obstáculos, como os modelos literários, para impedir a assimilação de palavras, expressões, e variantes inadequadas às situações de uso. Variantes essas provenientes das ”classes inferiores” social e culturalmente. Hoje ocorre exatamente o contrário. Segundo os “modernos” livros didáticos, a língua padrão e a literatura erudita é que deveriam aceitar, absorver ou assimilar as normas usuais e o inadequado.

Quem se expressa corretamente, conforme cada contexto, gosta de música erudita e preserva valores éticos, morais e gramaticais, parece estar fora de moda. É discriminado e vítima de observações jocosas. A língua é mesmo espelho de um povo, de uma nação.

O Brasil desfila diante de nossos olhos transvestido em grandes mudanças. Abaixo os homofóbicos, os racistas e os contra cotas para afro-descendentes, os contra cartilhas e vídeos sobre orientação sexual nos primeiros anos de vida. Abaixo a reprovação nas escolas, a qualquer preço. Discriminação, preconceito, bullying \_ são as palavras da vez.

Na ânsia de acabar com as diferenças ou de aceitá-las, o país cava um abismo ainda maior entre as classes sociais. E muita indignação e muita polêmica entre seus habitantes também. Enquanto isso, temas como corrupção, bandalheira e promiscuidade políticas, criminalidade e segurança, saúde e educação, estradas e obras públicas estão na berlinda, aguardando solução \_ desde sempre, nessa terra de muitas humanidades.